

PRÁTICAS COTIDIANAS E SUSTENTABILIDADE NO MST: UM ESTUDO DE CASO NO ASSENTAMENTO ÍNDIO GALDINO, EM CURITIBANOS/SC

VITOR CARVALHO GOMES

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO PARANÁ (IFPR)

JOSIANE BARBOSA GOUVÊA

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO PARANÁ (IFPR)

ROCÍO DEL PILAR LÓPEZ CABANA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL (UFMS)

Agradecimento à órgão de fomento:

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

PRÁTICAS COTIDIANAS E SUSTENTABILIDADE NO MST: UM ESTUDO DE CASO NO ASSENTAMENTO ÍNDIO GALDINO, EM CURITIBANOS/SC

1. Introdução

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), fundado no Brasil na década de 1980, representa um dos movimentos sociais mais significativos na América Latina (Morissawa, 2001). Originado como resposta à prolongada questão da desigualdade fundiária no Brasil, em que a concentração de terras nas mãos de poucos contrasta com a realidade de milhões de trabalhadores rurais desprovidos de terra e condições dignas de vida, o MST tem se destacado na luta por justiça social e reforma agrária.

O MST tenta consolidar os assentamentos como espaços de experimentação e implementação de práticas agrícolas sustentáveis. Desta forma prioriza a produção agrícola baseada em princípios agroecológicos, enfatizando a biodiversidade, conservação de recursos naturais e produção de alimentos saudáveis e acessíveis (Morissawa, 2001). Tais práticas constituem uma crítica ao modelo agroindustrial predominante nos latifúndios, caracterizado pela monocultura, uso intensivo de agrotóxicos e exploração de mão de obra.

No entanto, é importante destacar que nem todos os assentamentos do MST operam de maneira uniforme em relação à sustentabilidade. Mesmo dentro de um mesmo assentamento, pode haver diferentes formas de organização e níveis de comprometimento com práticas sustentáveis. Alguns conseguem implementar, enquanto outros enfrentam desafios e limitações que dificultam a adoção completa delas (Fernandes, 2014; Navarro, 2010).

Essas diferenças são influenciadas por diversos fatores, como acesso a recursos, apoio técnico, engajamento da comunidade, contexto regional ou decisão pessoal de atuar na produção de monoculturas. A diversidade nas práticas agrícolas reflete a complexidade e a heterogeneidade dos assentamentos, mostrando que a transição para a agroecologia é um processo gradual e contínuo, marcado por avanços e desafios (Wright & Wolford, 2003). Dessa forma, o MST e seus assentamentos rurais emergem como respostas críticas e construtivas aos desafios de desigualdade e sustentabilidade no Brasil.

Tendo em consideração que existe uma lacuna teórica e empírica que aborde a ligação entre sustentabilidade e cotidiano, a partir da perspectiva das práticas e interações cotidianas dos sujeitos comuns, este estudo teve como objetivo de identificar as imbricações entre cotidiano e sustentabilidade com base nas práticas e interações sociais das pessoas do Assentamento Índio Galdino do MST, localizado em Curitiba, Santa Catarina, região do Planalto Serrano, há aproximadamente 200 quilômetros a oeste da capital, Florianópolis.

Em um contexto global consciente dos desafios ambientais e sociais, esta pesquisa é relevante na compreensão da sustentabilidade sob a perspectiva dos sujeitos que habitam as comunidades e das suas práticas cotidianas. Esse entendimento é essencial para conceber a sustentabilidade sob um enfoque distinto da abordagem capitalista tradicional. O MST tem sido pioneiro na implementação de práticas sustentáveis em nível comunitário (Morissawa, 2001). Desta forma, importa perceber e destacar como os modos de fazer cotidianos desta comunidade podem oferecer pistas de implementação de práticas sustentáveis.

Este objetivo responde à necessidade de compreender não apenas as manifestações físicas das práticas de sustentabilidade, mas também as camadas de discurso que as moldam. Por meio da análise de narrativa, buscamos entender como os conceitos de sustentabilidade são internalizados, articulados e valorizados pelos membros do assentamento, para decifrar as dinâmicas sociais e culturais que impulsionam essas práticas.

As reflexões de Michel de Certeau (2014) sobre as práticas do cotidiano fornecem um arcabouço teórico essencial para entender as dinâmicas dentro do Assentamento Índio Galdino. Esta perspectiva é vital para analisar as práticas cotidianas dos membros do MST, que muitas

vezes operam fora dos canais tradicionais de poder e influência. Além disso, a perspectiva de Erving Goffman (2014) sobre a vida cotidiana, que enfatiza a importância das interações face a face e a dramaturgia social, complementa essa análise. Este enfoque não apenas possibilita compreender o 'o que' e o 'como' dessas práticas, mas também aprofunda no 'porquê', destacando o papel ativo e criativo dos assentados na construção de realidades sustentáveis.

O artigo está estruturado em cinco partes. Após esta introdução, na segunda seção, apresentamos o referencial teórico. A terceira parte do artigo se dedica à metodologia empregada na pesquisa. Na quarta seção, os resultados e discussões são apresentados de forma detalhada. Finalmente, as considerações finais encerram o artigo.

2. Referencial teórico

2.1 Sustentabilidade fora do discurso hegemônico capitalista

O conceito de sustentabilidade tem sido amplamente discutido e interpretado sob diversas perspectivas, muitas das quais são moldadas pelo discurso hegemônico capitalista. No entanto, é crucial explorar abordagens alternativas que desafiam essa visão dominante, oferecendo uma compreensão mais abrangente e integrada da sustentabilidade.

Um dos expoentes dessa perspectiva alternativa é Ailton Krenak, líder indígena e ambientalista brasileiro, que propõe uma visão de sustentabilidade enraizada na relação simbiótica entre os seres humanos e a natureza. Krenak (2020) argumenta que a sustentabilidade não deve ser vista apenas como uma série de práticas para preservar recursos, mas deve respeitar a interdependência de todas as formas de vida. Para ele, é essencial reconhecer que os seres humanos são apenas um elemento dentro de um ecossistema maior, e que a saúde e o bem-estar desse ecossistema são fundamentais para a sobrevivência e qualidade de vida.

A abordagem de Ailton Krenak destaca a importância da conexão simbiótica entre seres humanos e natureza e estabelece uma base fundamental para compreender a sustentabilidade de uma forma mais integrada e respeitosa. Essa perspectiva nos leva a uma transição natural para as ideias de Vandana Shiva, ativista e ecofeminista indiana, que também propõe uma crítica profunda ao modelo capitalista de sustentabilidade, que privilegia o lucro em detrimento do meio ambiente e da justiça social.

A visão de Shiva (2003) se alinha com a de Krenak (2020) no sentido de que ambos enfatizam a necessidade de uma relação equilibrada e respeitosa com o meio ambiente. Krenak se concentra na interconexão de todas as formas de vida dentro do ecossistema, Shiva aborda também a questão da biodiversidade e das práticas agrícolas, criticando o modelo de monoculturas e sua influência destrutiva sobre a diversidade e a sustentabilidade. Juntos, esses pensadores oferecem uma visão alternativa, que não apenas questiona, mas também propõe soluções para os problemas gerados pelo enfoque dominante na produção e lucro.

Em sua obra “Monoculturas da Mente”, Shiva (2003) afirma que as monoculturas, ao substituir e eliminar a diversidade, são insustentáveis e incompatíveis com outros sistemas. A silvicultura “científica”, ao promover florestas uniformes, substitui o conhecimento florestal tradicional por monoculturas, reduzindo a biodiversidade. Isso enfraquece a produtividade ecológica e leva à degradação da floresta, comprometendo sua sustentabilidade. Além disso, ela afirma que a gestão sustentável das colheitas busca maximizar resultados financeiros, produção ou qualidade dos produtos. Alcançar isso enquanto se preserva o ecossistema florestal resultaria em uma sustentabilidade natural de longo prazo, em vez de uma sustentabilidade temporária voltada apenas para o mercado.

No contexto dos assentamentos, as pessoas são incentivadas e capacitadas a adotar práticas agroecológicas, priorizando métodos sustentáveis de produção agrícola que respeitam o meio ambiente. Além disso, o reflorestamento tornou-se uma prática comum entre os assentados, contribuindo para a recuperação de áreas degradadas e para a conservação dos

recursos naturais (Morissawa, 2001). No plano político, o MST reconhece a necessidade urgente de uma política abrangente de desenvolvimento econômico, social e humano, que priorize a justiça social, a inclusão e a sustentabilidade como pilares fundamentais para o país (Morissawa, 2001).

O MST, desafia o modelo capitalista ao adotar tais práticas, focando em sustentabilidade, recuperação ambiental e justiça social. Essas ações contrastam com a ênfase capitalista no crescimento econômico às custas do bem-estar social e da equidade, propondo um modelo que equilibra necessidades humanas com respeito ao meio ambiente.

As perspectivas de Krenak (2020), Shiva (2003) e Morissawa (2001) sobre sustentabilidade convergem em um ponto crucial: a crítica ao modelo capitalista de exploração da natureza e a necessidade de abordagens mais holísticas e integrativas. Analisando criticamente, percebemos que todos eles destacam a interconexão entre humanos e o meio ambiente, rejeitando a visão antropocêntrica que privilegia a exploração de recursos em detrimento da saúde ecológica e da justiça social.

Criticamente, argumentamos que, enquanto essas abordagens oferecem alternativas valiosas ao paradigma predominante, sua implementação prática pode enfrentar desafios significativos, especialmente em sistemas globais fortemente influenciados por interesses econômicos e poderes políticos estabelecidos.

Considerando as diversas e críticas abordagens sobre a sustentabilidade, direcionamos agora o foco para o cotidiano como um espaço de táticas sutis e criativas, no qual o ser humano comum se adapta e navega pelos complexos fluxos da vida.

2.2 O Cotidiano Redefinido: Perspectivas de Certeau e Goffman sobre a Vida Diária

A análise do cotidiano e suas dimensões tem sido um tópico de interesse no âmbito das ciências sociais. Frequentemente, as práticas diárias são percebidas como aspectos triviais e repetitivos da vida humana. No entanto, ao mergulhar mais profundamente na complexidade dessas rotinas diárias, revela-se um rico terreno de estudo e compreensão.

É neste contexto que o trabalho de Michel de Certeau (2014) ganha relevância, propondo uma nova visão sobre o cotidiano. O autor argumenta que a vida diária, longe de ser uma mera sucessão de hábitos e repetições, está carregada de ações significativas e criativas. Essa perspectiva desafia a noção tradicional do cotidiano como algo banal e destituído de interesse, abrindo caminho para uma compreensão mais aprofundada das dinâmicas sociais e culturais que moldam as experiências diárias das pessoas.

Ao explorar o universo do cotidiano, Michel de Certeau (2014) destaca a participação ativa do "homem ordinário" ou "herói comum" em sua vida diária. Este indivíduo não se distingue por realizações extraordinárias, mas sim pela habilidade de navegar e se adaptar às complexidades do dia a dia. Certeau (2014) enfatiza a importância das práticas cotidianas e das astúcias que essas pessoas utilizam para gerenciar as restrições e estruturas impostas pela sociedade e pelo ambiente em que vivem.

Sua abordagem ressalta que o "homem comum" ou o "herói anônimo" é uma figura constante na história, emergindo como um "murmúrio das sociedades" que precede as representações escritas. Este indivíduo é mais do que um componente de um grupo maior; suas ações e realizações individuais são fundamentais para entender as dinâmicas sociais.

A compreensão de Certeau sobre o cotidiano como um espaço de ação significativa e criativa, abre novos caminhos para entender a complexidade da vida social e individual. A teoria de Erving Goffman (2014) complementa essa visão ao focar nas interações sociais cotidianas e na apresentação do eu.. Ele ainda considera o cotidiano como um palco onde os indivíduos desempenham variados papéis sociais, realçando a performance e a capacidade de adaptação como características centrais da experiência humana.

Embora possuam perspectivas diferentes, integraremos as abordagens de Certeau (2014) e Goffman (2014). Certeau (2014) está centrado no fenômeno das práticas cotidianas, com seu foco não voltado ao indivíduo em si. O sujeito, para ele, encontra-se preso nas correntes das estruturas sociais, mas apresenta microrresistências. Já, Goffman, (2014) está focado na ordem interacional da vida cotidiana, a partir de uma perspectiva sociológica. Ele também não analisa o indivíduo isoladamente, mas sim o fenômeno das "interações sociais" e, mesmo concedendo um grau relativo de liberdade ao indivíduo, considera que o *self* (Eu) é, em larga medida, constituído nos processos sociais (Martins, 2011).

Desta forma, Certeau descreve e analisa essencialmente as astúcias ou táticas dos praticantes, enquanto Goffman observa a interação dos indivíduos como atores sociais. Essa integração das abordagens dos autores permite uma visão mais abrangente do cotidiano, na qual as práticas se entrelaçam com a expressão individual e a interação social. Isso revela como os indivíduos não apenas resistem e respondem às estruturas sociais, mas também as moldam ativamente através de suas interações e representações.

Pesquisar o cotidiano envolve identificar elementos que frequentemente ignorados, mas essenciais para o indivíduo comum. Certeau (2014) vê o cotidiano como uma esfera de criatividade e adaptação. Ele distingue estratégias (cálculo das relações de força do sujeito de querer e poder, vinculadas a um lugar próprio) e táticas (ações calculadas caracterizadas pela ausência de um lugar próprio, utilizando-se de oportunidades e possibilidades, caminhando entre os lugares, no terreno que lhe é imposto).

A partir desta discussão, na próxima seção do trabalho abordaremos os métodos aplicados na pesquisa.

3. Metodologia

No desenvolvimento deste estudo no Assentamento Índio Galdino, localizado em Curitiba/SC, recorreremos à metodologia qualitativa, integrando a análise de narrativa, segundo estudos de Labov e Waletzky (1967) e Labov (1972). Esses autores exploraram as características linguísticas das narrativas pessoais, identificando padrões de organização e sequência de eventos. Labov (1972) expandiu essa pesquisa, investigando as variações linguísticas na narrativa e explorando como as histórias são moldadas por fatores sociais e culturais. Essa perspectiva permite uma exploração abrangente e crítica do papel da linguagem na formação e expressão das estruturas sociais. Neste contexto, realizamos entrevistas semiestruturadas com oito membros do assentamento: Carla (27 anos); Cláudia (63 anos); João (50 anos); José (49 anos); Manoel (38 anos); Maria (48 anos); Mariana (31 anos); e Mário (68 anos). Destes, seis foram apresentados pelo coordenador do assentamento e dois foram pessoas que conhecemos na oportunidade em que participamos de uma atividade que envolvia todos os membros do local. Buscamos as duas formas de contato com as pessoas com as quais conversamos a fim de ampliar as vozes ouvidas.

Paralelamente, mantivemos registros em um diário de campo, documentando as interações sociais, as atividades diárias e as práticas de sustentabilidade no assentamento. A análise de narrativa foi aplicada tanto às entrevistas quanto às anotações do diário de campo, revelando padrões e temas significativos que refletem a realidade social do assentamento e aprofundando o entendimento do papel da linguagem na construção dessas dinâmicas.

Para realizar a análise de narrativa, seguimos um processo detalhado. Primeiro, transcrevemos cuidadosamente todas as entrevistas, preservando o conteúdo verbal e as nuances significativas, e organizamos cronologicamente as anotações do diário de campo. Em seguida, realizamos uma leitura atenta e repetida das transcrições e anotações para nos familiarizar com o conteúdo e identificar padrões de narrativas em comum, realizando notas e comentários para identificação do conteúdo a ser analisado.

Elaboramos, ainda, narrativas detalhadas para cada tema, incorporando citações diretas dos entrevistados e anotações de campo. Analisamos como a linguagem dos participantes construiu e refletiu suas realidades, situando cada narrativa no contexto sociocultural do assentamento. Consideramos fatores históricos, econômicos e políticos, adotando uma postura crítica para questionar as estruturas de poder. Integramos os padrões e temas significativos em uma compreensão da realidade social. A metodologia também incluiu a observação participante, conforme delineado por Serva e Jaime (1995). Participamos ativamente da vida comunitária, incluindo uma imersão intensiva com uma das famílias visitadas, o que proporcionou uma visão valiosa e autêntica sobre a forma de vida no assentamento por algumas pessoas.

Dessa forma, a integração das entrevistas semiestruturadas, das anotações de diário de campo e da observação participante, ancorada na análise de narrativa, nos permitiu uma compreensão das dinâmicas do Assentamento Índio Galdino. A seção seguinte deste estudo apresentará os dados coletados, apresentando o cotidiano dos moradores do assentamento sob esta perspectiva metodológica.

4. Resultados e discussões: observação participante e o cotidiano no Assentamento Índio Galdino, em Curitiba/SC

Entramos em campo no dia 24 de junho de 2023, e o acesso à área de pesquisa não representou desafio em momento algum. Após uma troca de mensagens, foi organizada uma visita ao local, oportunidade na qual visitamos duas famílias e participamos de uma atividade comunitária que contava com a presença de professores e estudantes da graduação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Esta experiência não apenas permitiu uma imersão direta na realidade da comunidade, mas também evidenciou a abertura e a disposição para o diálogo e a troca de conhecimentos entre o movimento e o meio acadêmico.

A experiência vivenciada durante a visita, marcada pela integração e aprendizado mútuo, lança luz sobre a essência colaborativa que permeia as relações dentro do assentamento. Essa interação, além de reforçar a importância da educação e da pesquisa no contexto dos movimentos sociais, serve como ponte para aprofundar a compreensão das aspirações e desafios enfrentados pelos assentados.

Ao adentrar nesses espaços, descobrimos uma filosofia de sustentabilidade praticada por algumas famílias dentro do assentamento: a diversificação da produção e o emprego de métodos de produção orgânica. Essas práticas refletem uma abordagem que desafia as convenções agrícolas. Por outro lado, percebemos que outros assentados escolhem práticas como o cultivo de monoculturas e o uso de agrotóxicos. A pluralidade de modos de fazer está presente no cotidiano, pois os sujeitos comuns executam uma diversidade de práticas segundo seus interesses, podendo agir por conveniência, facilidade, necessidade, desejo, entre outros motivos. Isso faz parte da condição humana, trata-se de uma ética ligada à “vontade histórica de existir” (Certeau, 1985, p. 8).

Durante nossas conversas com os assentados, foi possível perceber que, embora tenham recebido orientações sobre a importância da diversificação e da produção de alimentos saudáveis por parte do Movimento, muitos deles, ao conquistarem acesso à terra, acabam buscando orientações técnicas que seguem a linha convencional. Isso leva à adoção do pacote tecnológico, que inclui sementes geneticamente modificadas, fertilizantes sintéticos, herbicidas, pesticidas e outros produtos químicos para promover o crescimento das plantas e o controle de pragas e doenças.

Shiva (2003) critica fortemente a adoção de práticas agrícolas convencionais e tecnológicas que promovem a homogeneidade e a dependência de produtos químicos. Para ela, tais práticas não apenas degradam o meio ambiente, mas também comprometem a soberania alimentar e a saúde dos agricultores e consumidores. “Segundo o paradigma predominante de

produção, a diversidade é contrária à produtividade, criando assim um imperativo de uniformidade e monoculturas” (Shiva, 2003, p. 160).

À luz das ideias de Shiva (2003), observamos uma subversão das diretrizes originais do MST e das práticas adotadas pelos assentados. A pressão e influência das indústrias de insumos agrícolas, aliadas à falta de suporte adequado para transições agroecológicas, contribuem para a prevalência das práticas convencionais. Isso perpetua um ciclo que, não fortalece a autonomia e promove a sustentabilidade, aumenta a dependência de modelos agrícolas industriais e seus impactos ambientais e sociais.

Krenak (2020) nos lembra que somos parte integrante da natureza, portanto, é importante estabelecermos uma relação harmoniosa, ou seja, as ações devem respeitar os limites e ciclos naturais. É essencial que a sociedade e os governos reconheçam a urgência de abandonar os modelos agrícolas convencionais em favor de práticas que respeitem e regenerem os recursos naturais.

Em uma conversa com um assentado, produtor de alimento orgânico, registramos em nossas anotações de campo uma afirmação que merece ser analisada. Segundo ele, muitos assentados não percebem que possuem uma pequena propriedade e, por isso, tentam adotar práticas de produção voltadas para latifúndios, mesmo em áreas pequenas. Isso os leva a seguir métodos convencionais de cultivo ou, ao perceberem a inviabilidade, acabam arrendando suas terras.

O arrendamento não é apenas uma questão de desistência do cultivo, é também uma forma de permitir que terceiros utilizem temporariamente a propriedade em troca de pagamento, sem que haja transferência de titularidade. Eles optam por arrendar suas terras como uma estratégia para obter renda para sua sobrevivência e de toda família. Isso pode ser motivado pela pressão de políticas agrícolas que favorecem o agronegócio em larga escala.

Ao analisar as narrativas do texto pudemos compreender que o sistema convencional de produção estabelecido no Brasil é bastante robusto, criando a percepção de ser a única forma viável. Mesmo com conhecimento sobre outras práticas, os produtores muitas vezes optam pela linha convencional. Certeau (2014) nos lembra que as pessoas, muitas vezes, operam dentro de estruturas sociais e econômicas que limitam suas escolhas e possibilidades de ação. Nesse contexto agrícola, essas limitações podem incluir pressões econômicas, falta de acesso a recursos ou conhecimentos especializados, além da dificuldade de acesso a subsídios governamentais que favorecem um modelo alternativo de produção. Isso nos leva a refletir e questionar as condições que mantêm a hegemonia de modelos convencionais de produção no país.

Contrário a isso, a imersão no campo nos permitiu observar que é possível o cultivo de alimentos saudáveis, pensando no equilíbrio e respeitando o ciclo da natureza. Conseguimos enxergar o zelo na gestão da produção e a diversidade de alimentos. Em algumas propriedades, além do cultivo de hortaliças orgânicas, identificamos a produção de mel, ervas para chás e a criação de animais, como cavalos, vacas, galinhas, porcos, peixes, bem como uma variedade de culturas, incluindo milho, feijão, mandioca, batata doce, arroz e, frequentemente, um pomar farto em frutas. Ficou evidente que nos sítios nada é desperdiçado, tudo é aproveitado. Nas visitas realizadas, houve a oportunidade de apreciar refeições livres de agrotóxicos, fruto direto dessa filosofia de sustentabilidade e aproveitamento integral dos recursos disponíveis na propriedade.

Na visão de Shiva (2003), a diversidade e a adaptação são princípios fundamentais no ciclo da vida e na criação de novas formas de ser e de fazer. O modelo de produção diversificado de alimentos saudáveis, adaptado à realidade do assentamento, mostra como as pessoas são capazes de agir de forma criativa e eficiente mesmo em um ambiente em que exista predominantemente a produção convencional.

Ao ocuparem a terra que tanto sonhavam, esses produtores têm o objetivo de restabelecer valores distintos. Buscam, por exemplo, reviver o rico universo simbólico e cultural, as recordações e o respeito próprio que se esvaíram durante sua estadia no acampamento, marcada pela escassez, limitação, confronto e instabilidade. Na narrativa a seguir, transcrita da entrevista com o Sr. João, é possível identificar essa ausência de identidade:

(001) Foi na época ali que aconteceu a revolução verde (..) o movimento surge aí depois da ditadura militar (...) origem da revolução verde, que tá até hoje dizendo que vai acabar com a fome, mas na verdade nunca acaba (...) mas sempre usa esse pretexto. O movimento tem essa origem, é por isso até muitas vezes converso com o pessoal, a origem do movimento é nessa época, aí muitas pessoas que vão para o acampamento como ela está fora do sistema, você sendo um sem-terra você é praticamente nulo para eles, seu CPF não tá girando, quando tu vai para o acampamento passa por um processo de formação do movimento, e quando tu vem pro assentamento, quando tu tá definitivo na área, tu volta pro sistema de novo, o mesmo sistema que excluiu o movimento lá, se tu não tiver consciência, claro que não é tão simples assim, porque hoje o sistema está todo organizado de uma forma para ser viável só o sistema convencional, tem a questão do orgânico, nitidamente, mas assim, são ações que não é prioridade deles (João, 2023).

Krenak (2020) ressalta que a Revolução Verde, muitas vezes, privilegia modelos de agricultura que não estão alinhados com as práticas tradicionais e sustentáveis das comunidades. Isso levanta questões sobre justiça ambiental e a necessidade de valorizar conhecimentos ancestrais sobre manejo do solo, diversidade de cultivos e uso racional dos recursos naturais. No trecho (001) analisado, a narrativa do membro do MST oferece uma visão da dinâmica social e econômica que permeia a vida no acampamento. Ao citar a Revolução Verde, que pode ser entendida como uma estratégia de poder, que falha em cumprir sua promessa de erradicar a fome, utilizando a modernização agrícola e tecnologias intensivas, reforça uma crítica às políticas agrícolas e à priorização do lucro.

Em resposta a isso, muitas pessoas encontraram no MST um espaço de organização para reivindicar seus direitos, conscientizar a sociedade e lutar por uma distribuição mais justa de terra. Michel de Certeau (2014) interpretaria essas dinâmicas como a subversão das práticas cotidianas contra as estratégias dominantes, enfatizando a capacidade coletiva de contestar e transformar as imposições do poder.

Ao descrever a transição dos membros do MST de "fora do sistema" para "definitivo na área", o relato do Sr. João evidencia como as pessoas passam por diferentes papéis e performances sociais ao longo do processo de luta pela terra e reforma agrária. Goffman (2014) argumenta que a interação social é semelhante a uma peça teatral, na qual os indivíduos desempenham papéis sociais específicos para diferentes públicos e contextos. Essa transição de papéis implica uma mudança na performance social dos indivíduos, pois exigem diferentes comportamentos, normas e expectativas sociais.

Incorporando a análise sobre a exclusão do sistema, em que se menciona que "o CPF não está girando", aprofundamos sob a perspectiva de Michel de Certeau. Esta expressão simboliza não apenas a exclusão econômica, mas também a invisibilidade social e política dos indivíduos dentro do contexto capitalista. Para Certeau (2014), essa situação evidencia uma clara manifestação das estratégias de poder que visam controlar e marginalizar grupos específicos, relegando-os à periferia do sistema econômico e social.

Ao mesmo tempo, a menção ao CPF (Cadastro de Pessoas Físicas) como não "girando" no sistema ressalta a redução do indivíduo a uma mera entidade econômica, cuja valorização e reconhecimento dependem de sua participação ativa na economia formal. Esse aspecto da narrativa enfatiza a crítica à desumanização e à instrumentalização das pessoas dentro das

lógicas capitalistas, quando o valor humano é frequentemente medido por sua contribuição econômica.

Segundo Pessoa (1999), o movimento camponês deve ser reconhecido como significativamente mais amplo do que uma batalha árdua pela posse de terra respaldada por um título de propriedade.. Isso inclui a busca por justiça social, melhores condições de trabalho, acesso a serviços básicos como saúde e educação, preservação da cultura e identidade locais, entre outros aspectos.

Este processo de reconstrução não apenas reafirma a identidade cultural e social dos assentados, mas também prepara o terreno para enfrentar os desafios práticos da vida no assentamento. A transição da luta pela terra para a construção de uma vida sustentável dentro dela marca um novo capítulo na jornada desses produtores. Isso envolve lidar com realidades tangíveis de estabelecer e manter uma produção agrícola viável, desafiando a resistência e a inventividade dessas comunidades.

No coração do assentamento, uma visão inspiradora de agricultura sustentável toma forma através da priorização da produção orgânica. Durante as visitas às famílias, emergiu uma imagem clara da vida cotidiana no assentamento, onde a terra é cultivada com dedicação e respeito ao meio ambiente. Nos registros do diário de campo, é possível evidenciar que:

(002) Ao chegar próximo a propriedade do Sr. Mário e da Sra. Cláudia adentramos por uma mata e fomos até uma pequena cerca, mas não encontramos a casa, retornamos pela estrada de marcha ré, porque era completamente fechada pela vegetação. Ao voltar em um ponto onde era possível ter sinal de telefone, ligamos e ela rindo disse: - Eu vi vocês ali pertinho, pode voltar que vou até lá abrir! Ficamos perplexos que por detrás daquela mata havia uma casa. De modo geral sempre vemos as propriedades rurais como grandes campos, onde não é possível identificar mais a mata nativa, mas ali, próximo à beira do rio, foi possível compreender um modo de vida e uma produção que prioriza o meio ambiente (Diário de campo, 14 de novembro, 2023).

Nessas famílias, a prática agrícola transcende a atividade de subsistência; ela se alinha com uma filosofia de vida que valoriza a saúde do solo, a biodiversidade e o bem-estar. Essa abordagem sustentável que respeita e valoriza os recursos naturais locais está alinhada com os conceitos de Shiva (2003) sobre a importância de práticas agrícolas e de vida que estejam em harmonia com a natureza, evitando a degradação ambiental e promovendo a sustentabilidade.

A produção orgânica de alguns produtores no assentamento é planejada para atender às necessidades diárias das famílias, assegurando que a alimentação não apenas seja suficiente, mas nutritiva e livre de químicos prejudiciais. Esse método de cultivo, além de promover uma dieta saudável, fortalece a autonomia e a segurança alimentar das pessoas. Segundo Shiva (2003), ao promover uma produção livre de químicos prejudiciais, o método busca manter o equilíbrio e a saúde dos ecossistemas locais, respeitando os ciclos naturais, a biodiversidade e a saúde do solo. O excedente da produção é garante uma fonte de renda adicional para as famílias.

Em um diálogo com o assentado, identificado aqui como José, foi transcrito que, por um período, os produtores do MST promoveram feiras na praça em Curitiba para comercializar seus produtos. No entanto, com a decisão da Prefeitura de construir um Mercado Municipal, a realização dessas feiras foi proibida. Diante dessa nova realidade, alguns membros do movimento se organizaram em associação para assegurar um espaço permanente, um box no novo Mercado, dedicado à venda dos produtos, operando por meio de uma associação.

Contudo, chegou um momento em que reconheceram a inviabilidade de continuar com a comercialização direta; era necessário concentrar esforços na produção e cuidado de suas propriedades, a associação demandava muita dedicação do que a feira na praça, que geralmente ocorria uma vez por semana. Por consequência, deixaram o espaço no mercado. Em

substituição, optaram por fornecer a produção excedente a uma cooperativa especializada na comercialização. Assim, os produtores definem os preços, enquanto a cooperativa acrescenta uma margem de lucro para efetuar a venda. Esta mudança permitiu que se dedicassem ao cultivo, confiando a tarefa da comercialização a parceiros com expertise no setor.

A situação descrita pelo assentado José, relacionada às práticas dos produtores do MST diante das imposições da Prefeitura, tornou-se necessária para encontrar uma alternativa para continuar operando dentro da estrutura de comercialização e de produção. Era preciso dar encaminhamento à produção excedente e, mesmo enfrentando limitações impostas pelo poder dominante - no caso, a Prefeitura -, essa prática permitiu a adaptação à estrutura de poder.

Goffman (2014) sugere que as interações sociais podem ser divididas em frente de palco (*front stage*), onde ocorre a interação pública e visível, e bastidores (*back stage*), onde ocorre a preparação e planejamento das performances. Nesse contexto, os produtores do MST podem estar operando nos bastidores para desenvolver estratégias de adaptação e resistência às mudanças impostas pela Prefeitura.

Nessa jornada de vida e luta, José e seus companheiros personificaram os ensinamentos cereteunianos sobre a capacidade das práticas cotidianas. Cada passo, cada decisão, era uma afirmação à resistência e à determinação de moldar seus próprios destinos dentro de limites impostos.

No entanto, nem todos os assentados encontram meios eficazes de comercializar o excedente de sua produção. Durante os dias em que estivemos mergulhados na rotina das famílias assentadas, foi possível identificar algumas barreiras que restringem as oportunidades de acesso ao mercado. Um caso emblemático é o do Sr. Mário e da Sra. Cláudia, cuja situação complexa foi detalhada nas anotações do diário de campo.

Participamos do processo de ordenha de quatro vacas na propriedade, auxiliando na limpeza e transporte do leite retirado das vacas. Apesar da capacidade de produzir mais leite, existia um obstáculo significativo: a empresa que fazia a rota coletando o leite havia encerrado a atividade, pois o casal era o único produtor de leite no assentamento. Porém, desejosos de seguir com essa produção, precisavam realizar diariamente a ordenha e, para contornar a ausência de caminhão para coleta, transportavam o galão com o leite até outra propriedade, de um vizinho, que disponibiliza espaço para armazenamento e resfriamento, pois, lá, a linha de coleta da empresa ainda está ativa.

A situação enfrentada pelos produtores Mário e Cláudia destaca a capacidade dos produtores de se adaptarem a situações desafiadoras, encontrando maneiras criativas de contornar as restrições impostas pela interrupção da coleta de leite. A necessidade de transportar o leite para outro local onde a coleta é possível exemplifica uma "arte de fazer", uma maneira de lidar com as restrições impostas pelas estruturas de poder, neste caso, uma decisão corporativa que afeta diretamente os pequenos produtores.

Essa prática revela a vulnerabilidade dos assentados frente ao mercado e a luta para manter as suas atividades agrícolas. A análise dessa narrativa destaca a importância de políticas e iniciativas que promovam a autonomia das comunidades rurais, enfatizando a necessidade de abordagens mais inclusivas que superem desigualdades no sistema agroalimentar.

Assim como os produtores se viram obrigados a encontrar maneiras criativas de lidar com as restrições impostas pela interrupção da coleta de leite, a interação com o poder público revela um outro tipo de jogo social. Goffman (2014) ensina que essas interações são como performances sociais, nas quais os indivíduos desempenham papéis e se engajam em rituais de interação. Da mesma forma, Certeau (2014) lembra da importância das táticas de resistência e da busca por autonomia diante das estruturas de poder.

Ao discutir o relacionamento com o poder público, uma entrevista com o assentado Manoel revelou percepções sobre as interações entre a comunidade do assentamento e a administração municipal. Ele descreveu uma experiência inicial negativa com o governo local:

(003) (...) como nós também, quando mudamos pra cá, o município era... A administração era péssima, horrível. Depois eu tenho uma ideia, o prefeito mandou (...) O prefeito abriu a porta e mandou as pessoas sair da sala, porque ele não tinha mais conversa. Então, depende da... É difícil isso. Daquela época, daquela gestão deles ali. Era assim, né? Porque qual que é o problema? (...) Quando a igreja precisa de dinheiro pra fazer uma festa, quem que dá o dinheiro? Quem que vai lá e diz: Não! Eu dou dois boi. Vai lá [uma pessoa] pobre e diz: eu dou um pacotinho de bolacha. Então os caras têm... Então a administração municipal ela não vai se não tiver esses caras cumprindo a função deles (Manoel, 2023).

A narrativa acima revela uma experiência negativa do assentado Manoel com a administração municipal. Por meio do seu relato, pode-se perceber a existência de desigualdades e injustiças nas relações entre a comunidade do assentamento e o governo local. A atitude autoritária do prefeito, descrita por Manoel, ilustra a falta de diálogo e respeito por parte das autoridades, evidenciando uma dinâmica de poder desigual e opressiva.

O prefeito exerce um papel autoritário e dominador, impondo decisões sem diálogo ou consideração das necessidades dos assentados. Podemos entender a interação como uma cena social, na qual o prefeito atua no papel de autoridade dominante, enquanto os assentados são subjugados e marginalizados. Certeau (2014) distinguiria o uso da estratégia para impor suas decisões a partir de um lugar, de forma unilateral e autoritária.

O relato de Manoel destaca a existência das táticas dos assentados frente à estratégia opressiva da administração municipal. Os adjetivos "péssima" e "horrível" em relação à administração municipal, juntamente com a atitude autoritária do prefeito, que "mandou as pessoas sair da sala", exemplificam o quão o poder é relacional. Embora as instituições e estruturas de poder possam impor certas formas de controle e dominação sobre os indivíduos, estes também possuem capacidade de agir de maneiras que desafiam ou subvertem essas formas de poder (Certeau, 2014).

Essa interação ilustra a imposição de uma ordem discursiva que marginaliza e silencia as vozes dos assentados, negando-lhes o direito ao diálogo e à participação nas decisões que afetam suas vidas. Nessa situação, o prefeito encena um papel de autoridade e legitimidade, enquanto as vozes dos assentados são relegadas a papéis secundários, ignoradas completamente. O impacto desse silenciamento, negando-lhes o direito ao diálogo e à participação nas decisões que afetam suas vidas, contribui para a perpetuação de estigmas sociais e para marginalização dos assentados no meio social.

Shiva (2003), argumenta que a marginalização de comunidades locais e tradicionais é um reflexo das dinâmicas de poder inerentes ao desenvolvimento hegemônico. Ainda critica a uniformização do conhecimento e a exclusão dos saberes tradicionais e locais, que são frequentemente vistos como inferiores ou irrelevantes pelos agentes de poder. No contexto do trecho, a não participação das pessoas nos processos decisórios representa uma forma de violência e injustiça social, onde os interesses e saberes das comunidades locais são desconsiderados em favor de uma visão hegemônica de desenvolvimento.

A comparação feita pelo assentado entre as contribuições valorizadas pela administração municipal (doações substanciais para festas da igreja versus contribuições modestas dos pobres) revela uma crítica à distribuição desigual de reconhecimento e recursos. Essa observação é uma forma de resistência discursiva, desafiando a lógica dominante que prioriza certas formas de capital social e material em detrimento de outras.

Integrando a teoria das práticas cotidianas de Certeau (2014), a narrativa do assentado exemplifica as "táticas" usadas para navegar e resistir às estruturas de poder em suas vidas diárias. A articulação de suas experiências e percepções é uma forma de "fazer" cotidiana que contesta a ordem estabelecida, criando espaços para a expressão de identidades alternativas e para a negociação de significados dentro das restrições impostas pela administração municipal.

A narrativa do assentado Manoel sobre a relação com a igreja e a comunidade de Curitibanos, assim como as experiências de um padre específico dentro do acampamento, ilumina novamente as complexas dinâmicas de poder e resistência. Veja a seguir:

(004) (...) depende, depende da pessoa, a igreja, Curitibanos, até hoje ignoram nós. Até hoje é o chefão da igreja, eu digo, né? Vem um padre de vez em quando que chega ali e vai querer comer tomar um café com nós (...) Nossa, nós tínhamos um no começo, quando nós estávamos... Ele tinha o barraco dele, o padre tinha o barraco dele no acampamento. No nosso acampamento. Era um lugar que ele queria visitar as famílias, mas ele sabia que... Tentaram por aí mesmo. Tentaram matar ele. Ele sofreu muito, perseguição. Tentaram matar ele. Então é assim, né? Tem muita gente, tem muito padre, muito que apoia, mas tem muito... Mas o problema é que o município é... Que acaba, às vezes, influenciando nele, né? Quem tá ali num convívio mais constante. Curitibanos, no seu coronelismo antigo, que não é antigo, ainda tem hoje. O coronelismo curitibanos é forte. Vai passando sangue, né? Tá no sangue. É forte ali (Manoel, 2023).

No trecho narrado, o assentado destaca a figura do “chefão da igreja”, essa hierarquia pode ser vista como uma forma de poder institucionalizado que molda as interações sociais (Goffman, 2014). O barraco do padre dentro do acampamento foi uma forma encontrada por ele para realizar suas práticas cotidianas e envolvimento com a comunidade de uma maneira mais próxima e pessoal, apesar das ameaças e da perseguição por estar buscando uma alternativa de subverter a norma que lhe era imposta. Essa tática do padre sobre o papel e o lugar da religião e do clero na sociedade insere a igreja no cotidiano da luta dos assentados.

A referência ao "coronelismo" em Curitibanos, destaca uma forma de dominação política presente e enraizada, ilustrando a persistência de estruturas de poder tradicionais que influenciam as relações sociais e políticas. As elites locais que mantêm essas estruturas, controlam recursos e tomam decisões que afetam toda a comunidade, o que pode limitar a participação e a autonomia de outros grupos. Para aqueles que se veem regulados por esse poder, é importante resistir e, às vezes, encontrar maneiras de desafiar e negociar com essas estruturas para garantir seus direitos e necessidades na comunidade.

Krenak (2020) destaca que o Brasil tem sido incapaz de acolher os habitantes originários e comunidades tradicionais, recorrendo constantemente a práticas desumanas para promover mudanças forçadas em suas formas de vida. Dessa forma, a violência sofrida pelo padre que apoiava os assentados, incluindo tentativas de assassinato, simboliza a força das estruturas de poder contra qualquer forma de apoio ou valorização das vozes marginalizadas. Essa dinâmica de poder não só perpetua a exclusão social, mas também impede que essas comunidades contribuam para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Neste sentido, Certeau (2014) discute a relação entre as ordens dominantes (como o sistema político estabelecido) e as práticas marginais (ações cotidianas das pessoas comuns). Desta forma, o coronelismo representa uma ordem dominante arraigada na história local, um sistema de poder e influência que perdura ao longo do tempo, simbolizando um lugar de repressão, sobre o qual as pessoas comuns precisam criar e arranjar composições de saída, de microliberdades, como fez o padre ao montar seu próprio barraco, revelando as artes de fazer em meio às estruturas impostas.

A complexidade das relações entre os assentados, a igreja e a estrutura social, marcada pela resistência e solidariedade frente às formas de poder, encontra um eco profundo na interação dos assentados com a terra e seus recursos. Este vínculo entre o combate às estruturas opressivas e a gestão agrícola sustentável se revela nos detalhes da vida cotidiana.

Ao longo de vários dias, vivenciamos a rotina diária de cuidado, manutenção e produção em um sítio. Levanta-se cedo e, mesmo sob chuva intensa, as vacas são separadas dos bezerros e levadas para a ordenha. Na propriedade do Sr. Mário e da Sra. Cláudia, que nos

receberam com grande alegria e hospitalidade, notamos que, apesar da idade avançada e das limitações de saúde do casal, tais desafios não os impedem de se dedicar às tarefas cotidianas. A seguir, registro de anotações feitas no diário de campo:

(005) Enquanto o Sr. Mário se ocupa com a separação das vacas, a cozinha se enche com o aroma do café que a Sra. Cláudia prepara. Após concluir a tarefa, ele retorna para que ambos possam desfrutar juntos de um café, acompanhado por uma fatia de pão. Na mesa, destacam-se também a geleia de frutas da estação, doce de abóbora, doce de leite, salame feito de carne de porco e, curiosamente, carne de capivara. As capivaras, por sinal, representam um desafio na propriedade. Finalizado o café, o Senhor Pereira menciona a necessidade de instalar uma cerca elétrica no milharal para protegê-lo das capivaras, que têm devastado a plantação (Diário de campo, 15 de novembro, 2023).

A narrativa descreve práticas cotidianas, que podem ser vistas também como uma “performance social de papéis” (Goffman, 2014), revelando a multiplicidade de atividades e interações que caracterizam o dia a dia das pessoas. Enquanto o Sr. Mário se dedica à tarefa de separar as vacas, a Sra. Cláudia está ocupada na preparação do café na cozinha. Essas atividades, aparentemente simples, ganham significado em seu contexto específico, revelando a interconexão entre os membros da família e as necessidades práticas da propriedade.

A presença das capivaras como um desafio na propriedade mostra os obstáculos que exigem soluções criativas e adaptativas. A instalação de uma cerca elétrica no milharal é um exemplo de como os residentes respondem ativamente às demandas do ambiente, para proteger suas plantações. Os alimentos servidos à mesa expressam identidade cultural, sendo produzidos a partir dos alimentos produzidos na propriedade rural.

Krenak (2020) aborda a necessidade de uma relação ética e equilibrada entre seres humanos e o ambiente natural. Ele destaca a importância de respeitar os limites ecológicos e promover práticas que sustentem a vida em sua diversidade. A situação das capivaras na propriedade deixa claro que os desafios ambientais enfrentados pelos assentados não são apenas econômicos, mas também éticos e ecológicos. Isso revela a complexidade das escolhas enfrentadas pelos agricultores, entre proteger suas colheitas e preservar a biodiversidade.

Na observação, destacamos que esse casal, já com idade um tanto avançada, se dedica exclusivamente aos cuidados da propriedade e da produção dos seus alimentos. Portanto, vemos que eles enfrentam não só um dever, mas também uma dificuldade real por não terem outros recursos para sobreviver.

Com o braço engessado devido a uma queda, Dona Cláudia demonstra uma força e persistência incríveis. Sua recusa em abdicar das atividades, mesmo com a mobilidade reduzida e a recomendação médica de repouso, reflete não apenas um senso de dever para com o Sr. Mário e a propriedade, mas também uma ausência de assistência externa para cuidar da propriedade e das tarefas diárias, colocando uma carga desproporcional sobre o casal idoso.

Essa desigualdade se aprofunda ainda mais quando consideramos as barreiras enfrentadas por pessoas idosas ou com mobilidade reduzida para acessar serviços de assistência e cuidados adequados. Em muitos contextos, a falta de infraestrutura e políticas públicas eficazes para cuidados de idosos agrava essa situação, deixando famílias, como a de Dona Cláudia e do Sr. Mário, em uma posição vulnerável. Além disso, a ausência de apoio externo também reflete desigualdades de gênero e de divisão de trabalho dentro do ambiente familiar e comunitário. Muitas vezes, são as mulheres, como Dona Cláudia, que assumem a maior parte das responsabilidades domésticas e de cuidado, mesmo em idade avançada ou outras situações.

A instalação uma cerca elétrica para proteger o milharal das capivaras exemplifica uma estratégia frente aos desafios impostos pelo ambiente natural, mostrando como os assentados reconfiguram seu espaço de trabalho para garantir a sustentabilidade nas práticas agrícolas. Essa

adaptação é uma forma de "estratégia" que, embora emergindo de uma necessidade prática, também carrega um significado no contexto da luta constante pela sobrevivência.

Durante a inspeção do percurso onde seria instalada a nova cerca para proteger o milharal, observamos o seguinte:

(006) Na trajetória ao longo da cerca elétrica, adentramos em uma área de reserva ambiental, onde se fez necessário remover obstruções que poderiam interferir na eficiência da cerca. Notamos a presença de uma densa vegetação na reserva, incluindo árvores de xaxim. O Sr. Mário procedeu com grande cuidado, removendo individualmente cada galho que tocava a cerca e comprometia a transmissão da energia. Durante o processo, ele enfatizava a importância de cortar somente o necessário (Diário de campo, 15 de novembro, 2023).

Quando adentramos na área de reserva ambiental durante o processo de instalação da cerca elétrica, destacamos a interseção entre as atividades humanas e a conservação ambiental. A presença de vegetação densa e árvores de xaxim, uma espécie protegida, coloca em evidência a responsabilidade dos indivíduos em harmonizar suas práticas cotidianas com a preservação do meio ambiente.

O relato apresenta uma cena que poderia ser interpretada como uma ação sustentável, na medida em que o Sr. Mário demonstra cuidado ao lidar com a vegetação na área de reserva ambiental. No entanto, é crucial questionar até que ponto essa abordagem realmente reflete uma preocupação genuína com a preservação ambiental. Será que o simples cuidado ao cortar galhos é suficiente para compensar os impactos negativos da instalação de uma cerca elétrica em uma área de reserva? A cerca elétrica em si já representa uma intervenção no ambiente natural, podendo afetar a fauna local e alterar os ecossistemas. Conforme Shiva (2003) destaca, qualquer ação humana no meio ambiente precisa ser realizada com grande cuidado e respeito, levando em conta os complexos ecossistemas que suportam a vida.

Além disso, Krenak (2020) alerta para o perigo de ações superficiais que mascaram impactos ambientais profundos, nos quais a sustentabilidade não deve ser apenas um termo popular utilizado para legitimar a continuação de práticas danosas. Portanto, é essencial considerar se as medidas tomadas pelo Sr. Mário realmente refletem uma prática sustentável ou se são meramente simbólicas, sem um compromisso real com a preservação ambiental.

Enquanto percorremos o trajeto, ficou claro que o Sr. Mário conhecia intimamente o espaço e tinha habilidade para navegar entre os obstáculos que encontrava, driblando-os um a um. Nós, mais jovens, fizemos o mesmo trajeto com dificuldades e medo de escorregar, enquanto carregávamos algumas ferramentas para confecção da cerca. O espaço que para o Sr. Mário era familiar, para nós se tornou um espaço de desafios e táticas pessoais para evitar contratempos. Isso reflete a capacidade das pessoas de redefinir e reinterpretar espaços e práticas cotidianas de acordo com suas necessidades e circunstâncias (Certeau, 2014).

Além disso, a descrição dessa atividade cotidiana ilustra como o discurso sobre a natureza e a interação com ela não é estático. Ele é construído e reconstruído através de práticas que refletem valores, conhecimentos e escolhas. O discurso do Sr. Mário, ao enfatizar a minimização do impacto ambiental, articula a ideia de que as práticas agrícolas e a conservação ambiental não são mutuamente excludentes, mas coexistem através de abordagens conscientes.

Durante a instalação da nova cerca ao redor do milharal, fomos surpreendidos por uma chuva repentina, enquanto operávamos a roçadeira para limpar a área ao redor. Essa chuva destacou a imprevisibilidade do clima, um desafio cada vez mais presente devido às mudanças climáticas globais. Diante dessa mudança inesperada, adaptamos nossos planos e retornamos com a máquina para o estaleiro. No trajeto, carregando a máquina que não era leve, refletimos sobre as diversas dificuldades que afetam a dinâmica de vida dos produtores rurais. compreendemos os desafios não apenas da mudança climática, mas também do deslocamento

dentro da propriedade carregando ferramentas necessárias para os trabalhos diários. Esta experiência destacou a importância de compreender profundamente as práticas cotidianas em seus contextos reais, levando em consideração todos os desafios enfrentados.

Assim que a chuva deu uma trégua, retornamos e continuamos ajudando a esticar os fios e fixá-los nas estacas que o Sr. Mário havia feito com galhos retirados das laterais da plantação. Apesar da chuva, o Sr. Mário, adaptou-se à adversidade climática e permaneceu determinado no trabalho. Quando estávamos quase finalizando, as nuvens escuras voltaram e a chuva recomeçou. Enquanto o Sr. Mário continuava o trabalho protegido pela capa de chuva, nós, como não tínhamos, fomos instruídos que retornássemos para casa e no trajeto fazer a conexão da cerca em um ponto específico onde cultivava abelhas. Subimos o morro novamente sob chuva intensa,. Com esforço, encontramos o ponto certo para a conexão e retornamos para casa. No dia seguinte, após tomar café com a família, iniciamos o retorno para casa sob chuva contínua. Tínhamos combinado de dar carona para outro assentado até Curitiba. Nos encontramos perto da casa em que estávamos e seguimos pela estrada. Tentamos um caminho, mas os riachos haviam transbordado, impedindo a passagem. Tentamos nos adaptar e seguir por outra rota, mas no meio do caminho encontramos com outro riacho intransponível. Sem mais alternativas viáveis, retornamos ao ponto inicial e decidimos estacionar, aguardando que a água baixasse para garantir uma travessia segura. Nesse momento, refletimos sobre a importância de políticas públicas para garantir estradas rurais transitáveis em qualquer ocasião, pois eventos como esse ocorrem com frequência e as pessoas acabam ficando isoladas, sem acesso a recursos que podem ser emergenciais.

Assim, finalizando esta jornada de imersão no Assentamento Índio Galdino, em Curitiba - SC, é possível refletir sobre as experiências compartilhadas pelos assentados. Desde a integração com a comunidade e a academia até a gestão cuidadosa da produção agrícola e os desafios enfrentados na interação com o poder público e as estruturas de mercado, cada narrativa revela uma luta marcada por resistência e esperança. O Assentamento Índio Galdino é um reflexo em pequena escala de questões mais amplas de resistência política e luta por mudança social.

À luz da teoria de Certeau (2014), percebemos que os assentados, independentemente de aplicar formas de produção mais orgânicas ou não, demonstram a capacidade de se adaptar e reinventar suas práticas cotidianas para enfrentar desafios de sobrevivência, que se encontram maioritariamente entrelaçados às relações de poder, destacando a importância da resistência e da inventabilidade no contexto do assentamento. Na perspectiva de Goffman (2014), compreendemos que essas práticas não se limitam a ações isoladas; são também representações sociais e políticas. Quando a luta pela terra e justiça social é expressa publicamente, não apenas se reivindicam direitos diante das estruturas de poder estabelecidas, mas também se cria uma narrativa coletiva que amplifica a voz dos assentados na busca por mudanças sociais mais amplas. Essa dimensão simbólica das interações cotidianas ressalta não só as questões práticas, mas também a importância das representações sociais na construção e na mobilização política dentro do assentamento.

Desta forma, o Assentamento Índio Galdino se mostra como um pequeno ecossistema de interações complexas, marcado pela luta pela terra, resistência e criatividade, no qual as práticas cotidianas de sustentabilidade ultrapassam as atividades ligadas à agricultura, assumindo um caráter político ao reivindicar direitos e lugares de vida e sobrevivência.

Portanto, ao encerrar esta seção de reflexões, lembramos da importância de ouvir atentamente as vozes dos que lutam por justiça social, e ainda reconhecer as práticas de resistência cotidiana e para engajamento em diálogos e ações que promovam um futuro mais inclusivo, equitativo e sustentável para todos. Que estas narrativas inspirem novos questionamentos, novas práticas e novas formas de construir um mundo mais justo e harmonioso para as gerações presentes e futuras.

5. Considerações finais

As considerações finais deste artigo destacam a relevância do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) no Brasil, especialmente através do prisma do Assentamento Índio Galdino, em Curitibanos, Santa Catarina. Este estudo iluminou as práticas cotidianas de sustentabilidade implementadas pelos assentados, revelando uma complexa teia de resistência e autonomia dentro do contexto da luta por justiça social e reforma agrária.

A análise revelou como alguns assentados do MST vão além da luta pela terra, criando espaços para práticas agrícolas sustentáveis que desafiam o modelo agroindustrial dominante. As histórias compartilhadas pelos assentados, combinadas com a teoria de Certeau e Goffman sobre as práticas cotidianas e as relações sociais, destacam a habilidade dos indivíduos de desafiar as estruturas de poder por meio de ações diárias significativas. Essas ações não apenas confrontam as narrativas dominantes sobre produção e consumo, mas também contribuem para a construção de uma sociedade mais justa e sustentável. As relações sociais dentro desses espaços de resistência desempenham um papel crucial ao fortalecer laços comunitários e promover formas alternativas de organização social e econômica, que valorizam a justiça social.

A pesquisa revelou achados significativos tanto no aspecto empírico quanto no teórico. Em termos empíricos foi possível observar a variedade de práticas cotidianas dos assentados, neste sentido, algumas famílias optam por métodos de produção orgânicos e diversificados, outras seguem práticas convencionais, influenciadas por pressões econômicas e estruturas estabelecidas. A interação direta com os assentados e a observação das suas escolhas revelaram não apenas as dificuldades enfrentadas, mas também a resistência e criatividade dessas comunidades na busca por autonomia e até sustentabilidade.

Do ponto de vista teórico, os achados da pesquisa lançam luz sobre questões profundas relacionadas à justiça ambiental, à valorização de conhecimentos tradicionais e à crítica aos modelos convencionais de produção agrícola. As reflexões a partir das narrativas dos membros do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e das análises de autores como Krenak, Certeau e Shiva contribuem para um entendimento mais amplo das dinâmicas sociais, econômicas e ambientais envolvidas na agricultura familiar e nos movimentos sociais.

A dualidade entre práticas agrícolas convencionais e sustentáveis no assentamento reflete não apenas as escolhas individuais dos assentados, mas também as influências externas, como políticas agrícolas e estruturas de mercado. Essa análise ampliada não só enriquece o debate acadêmico sobre agricultura e sustentabilidade, mas também oferece oportunidades para políticas públicas que visam promover sistemas alimentares sustentáveis.

A interação entre os assentados e com a terra reflete uma profunda reconexão com o ambiente, promovendo a biodiversidade, a conservação dos recursos naturais e a produção de alimentos saudáveis. No entanto, algumas vezes, os produtores enfrentam o dilema de fazer escolhas que priorizam a produção em detrimento da preservação da biodiversidade local. Embora algumas práticas sustentáveis sejam adotadas por alguns assentados como forma de microrresistência contra o modelo convencional agrícola e de consumo, é importante reconhecer que ainda há desafios significativos para alcançar um modo de vida sustentável.

A resistência às estruturas de poder não se manifesta apenas nas práticas agrícolas, mas também nas narrativas pessoais dos assentados, que desafiam as condições de exclusão e invisibilidade impostas pelo sistema dominante. A menção à problemática no excerto 001, do "CPF não girando", por exemplo, destaca a luta dos assentados contra a marginalização econômica e social, enfatizando a importância da inclusão e do reconhecimento dentro do sistema. Isso aponta para a necessidade urgente de políticas públicas que não apenas promovam a inclusão, mas que garantam o reconhecimento pleno dos direitos dos assentados. Isso envolve não apenas fornecer acesso igualitário a recursos como crédito, infraestrutura e mercados, mas também desafiar as estruturas de poder que perpetuam desigualdades e marginalização.

Concluímos que o Assentamento Índio Galdino emerge como microcosmo de resistência, no qual as práticas cotidianas de sustentabilidade vão além da agricultura, configurando-se como um ato político de reivindicação de direitos e espaço. Este estudo reitera a necessidade de políticas públicas que reconheçam e apoiem essas práticas, visando uma reforma agrária que incorpore a sustentabilidade como princípio central, e destaca o papel dos movimentos sociais na construção de alternativas ao modelo de desenvolvimento hegemônico.

Este artigo, ao explorar as práticas cotidianas de sustentabilidade no Assentamento Índio Galdino, almeja ampliar o debate sobre as formas de alcançar uma sociedade mais justa e sustentável, instigando um olhar crítico sobre o conceito de sustentabilidade que transcende o discurso hegemônico capitalista. Ao evidenciar que a vida simples nos assentamentos rurais do MST é um terreno fértil para a construção e a prática da sustentabilidade, este estudo destaca a importância de se reconhecer e valorizar as pequenas ações e decisões cotidianas.

Por fim, na vida ordinária que acontece no Assentamento Índio Galdino floresce a esperança de que cada pequena ação e decisão cotidiana seja como uma semente de resistência. Essas práticas, profundamente enraizadas na experiência e nos sonhos dos que ali habitam, desafiam com coragem as narrativas dominantes, revelando que a sustentabilidade pode ser mais do que uma ideia abstrata – é a canção suave do "homem ordinário" ecoando em harmonia com o pulsar da terra. Assim, este estudo ressalta a importância de celebrar e honrar esses gestos simples, que mostram que a sustentabilidade pode ser tecida a partir de bases alternativas, transcendendo os limites impostos pela lógica fria do capitalismo.

REFERÊNCIAS

- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. as artes do fazer. Petrópolis: Vozes, 2014.
- CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano**: 2. Morar, cozinhar. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.
- FERNANDES, B. M. **Assentamentos rurais**: uma leitura geográfica. São Paulo: Editora Unesp, 2014.
- GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- LABOV, William, WALETZKY, Joshua. **Narrative Analysis**: oral versions of personal experience. In: June Helm. Ed.. *Essays on the verbal and visual arts*. Seattle: University of Washington Press, 1967.
- LABOV, William. **Language in the inner city**: studies in the Black English Vernacular. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- MARTINS, C. B. **A contemporaneidade de Erving Goffman no contexto das ciências sociais**. Revista Brasileira De Ciências Sociais, v. 26, n. 77, p. 231–240. 2011.
- MORISSAWA, Mitsue. **A História da luta pela terra e o MST**. São Paulo: Expressão Popular, 2001.
- PESSOA, Jadir de Moraes. **A revanche camponesa**. Goiânia: Editora da UFG, 1999.
- SERVA, M.; JAIME JR, P. **Observação participante e pesquisa em administração**: uma postura antropológica. RAE, São Paulo, v.35, n.1, mai/jun 1995, p. 64-79.
- STÉDILE, J., & FERNANDES, B. M. **Brava gente: a trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil**. Editora Fundação Perseu Abramo, 2000.
- SHIVA, Vandana. **Monoculturas da Mente**: perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia. São Paulo: Gaia, 2003.
- WRIGHT, A., & WOLFORD, W. **To Inherit the Earth**: The Landless Movement and the Struggle for a New Brazil. Oakland, CA: Food First Books, 2003.